

AS TRÊS JUREMAS EM RITMO DE DESENCANTO

Ana Maria de Almeida

Jurema Benvinda está aprendendo a ler e a escrever, às vezes, mais parece que as palavras é que a escolhem, de condão, tumultuadas e magas, descerrando neblinas. Ou que é o livro que lê Jurema. O livro posto à frente, em gesto insólito de ritual, Jurema repete em transe o que ele conta: coisas e coisas, desligadas de mundos e horas, ventanias, auroras, esquecidas paragens. O que, para além dela, nunca a tivesse esquecido — até parece. . . Jurema não sendo mais do que se escapasse da cordata figura feita para ordens e obediência ?

Mostraram a ela o dicionário, ensinaram seu manuseio e uso, as repartidas idéias condensadas, comprimidas como molas, que de repente se avolumam caudalosas, de roldão tão cabíveis ali dentro, resumidas e resumindo? Quase um despropósito! . . . Jurema, na primeira vez, olhou muito, em meio receio e respeito, o bloco marrom e verde, de tantas páginas. Nem quis pegar — como se, bíblico, vetusto, o livro parecesse coisas de só segredos, cochichos, altas falas — coitadinha dela! «Deixa de ser boba, Jurema — riu, de professora improvisada, Nianá patroinha — até seu nome tem aqui. . .» E leu:

Jurema branca
marginada
preta

Branca marginada preta. Ela susteve o fôlego, assustada: seu nome quase um remoto apelo, pessoa falando de muito longe. Mas aceitou humilde a glosa, entendeu sem entender muito as três figuras; nem tão preta assim ela era! A trova mesmo dizia: branca marginada. Imaginada? Não importava, gostou demais.

Jurema branca
Jurema marginada
Jurema preta.

Ficou mais alada, cantou muito, quebrou dois pratos no jantar, recebeu xingos complacentes e descrenças de que ela mudasse nunca algum dia e fosse mais atenta. «Cabeça-de-vento», falou Nianá. «Tem importância não» — Jurema pensou com reticências, solzinho de conforto e orgulho: não é que até ela? O dicionário que contasse. Uma cantiguinha: Jurema, Jurema, Jurema... Chamando. Ela quis ver com seus olhos, decifrou:

Jurema branca (mimosa jurema alba)
Jurema marginada (mimosa burgonia)
Jurema preta (acacia jurema).

O livro sabia, sabe? Alguém pegara seu desfazer-se-de-conta no ar do mundo e gravara em letras miúdas. Confusas. Mas aos poucos gostosas, soando de cor o que só ela sabia. Nem Nianá descobriu! Jurema não mais se separou do livro, levou-o para o quarto, folheia-o de vez em quando muito. Se alguém precisa dele, tem de pedir licença, tem de gritar: «Jurema, Jurema, Jurema...»

Quando larga as serviçamas, Jurema o segura com cuidado, escolhe palavra, liga frases que escreve em letras espalhadas em artísticos borrões: «O lago é emenso, enorme. Deslumbrei o epalto. Eôo, eões, epagogo.»

Fica espantada olhando os garranchos, o que o livro lhe sussurrou, mas depois se acostuma, a boca se ri toda num orgulho amplo. Jurema: além do perfil de bicho manso, da pele quase muito escura, do nariz achatado. «Jurema!» — diz para si mesma, em expectativa diante do espelho. Entrança os cabelos finos, pisca muito os olhos, onde navegam brumas e uma ternura úmida. Tal assim, Jurema! Nianá censurou as distrações, falou ensaiando-se mestra professora: «Ninguém não sabe o que é eôo, eões, epagogo, etc., etc. Você parece burra! E é imenso, i-men-so... «Jurema sorrindo para dentro de uma graça que só ela soubesse — e gosta do «etc., etc., etc.» — repetido. Pois então!? Ela se rebela afoita: «Jurema branca, Jurema marginada, Jurema preta... Está lá! Nem não fala niana — nianá...»

Nianá ri, quase entendendo por um fio a fresta: «São nomes de árvores, Jurema, as acácias... só coincidência, entendeu? Você não pode pegar as palavras como se fosse dona. Você tem de ligá-las com alguma coisa que a gente pega, ou vê — com as coisas, sua tonta!»

Ela sai para o quintal, entristecida. Então era isso, alguém ou algo para lembrar? Dolorido, doendo. As acácias eram apenas as árvores? As brandas árvores ao amanhecer tocadas pelo vento. Um pouco de vento, um pouco de perfume, pétalas amarelas de alcatifa e alfombra. A menina surgiu de repente lembrada, depois ficou devagar no vento nos cabelos, nas pétalas caindo, no lusco-fusco dos olhos pestanejando uma lembrança funda. A menina corria pela estradinha, alguém chamou dentre as árvores. Ela pensou que fosse o primo, parou rindo, e o coração quase também: o homenzão, homenzarrão, cara de preto assassino. belzebu. Quis fugir, gritar, morrer. O homem a apertava muito, e as copas tão altas das árvores, ninguém não vendo. Ai, meu-Jesus... Tudo tão distante... Fechou os olhos e pensou apenas no barulhinho das folhas, desanimada. Depois ela limpou a saia, enxugou os olhos e esqueceu. Nunca ninguém soube, nem ela...

Acácia jurema — como se ela não tivesse desencoberto nada de nada; coisas tontas! Ela sacode a cabeça com desprezo, depois com pena. Uma brisinha brinca que brinca nos emaranhos de sua cabeça: Nianá perdoasse — era mais uma vez, durável, a alba burgônia nos seus mistérios. «Etc. etc. etc.» — ela pensa hieroglífica. Um bailado delicado levanta folhas amarelas do chão, movimenta árvores floridas, ondula as águas do rio. «Etc. etc. etc.» Jurema segura o gato que ia passando silencioso, acaricia seu pêlo macio. Murmura, contando: «Bommoço, quer passear? Que será que não será? Vamos ao rio, à fonte. Bondoseiro, bondoso. Vem a corcel, progredindo-se. Fica quieto, bicho rabioso, pândego. Vem a corcel, cavalo grande, leva nós, a gente conosco canta, promete... etecétera, etecétera».

Aos saltos, Jurema sai cantando alto para Nianá ouvir: «branca marginada preta». Só ela sabe, o livro contou nas letras miúdas, entrelidas. Ninguém nunca não soube. Só que dentro dos

tracinhos o resto, maior segredo: «mimosa . . . alba . . . burgônia». «Coisas dela que nem ela sabe? Burgônia, begônia — ela rememora enfim, feliz. Coisas de plantinha caprichada, meio-flor, meio-folha, dada em vasos, fina. Mimosa . . . alba. Jurema interroga o dicionário: «delicado, brando, suave, deleitável». Algo de muito dengue, ela sabe. Dá uns passos de dança diante do espelho: mimosa . . . alba . . . à espera do Bom-moço . . . A espera, entre o antes-nunca-vindo e o estando-sempre-por-vir. Fica tristezinha de novo repente: aquela tristura que dá até preguiça de viver?

Dolorido, doendo. Bom-moço fora ao pagode com ela mais Nianá. Jurema tem um pequeno assomo de raiva — Nianá, o moço da cidade, se rindo dela? Os dois, nenhum, ela tinha podido imaginar! Bonito, bondoso, ele falara: «Jurema - você - é - uma - alminha - suave». Suavinha. Mas ele se foi. Ela sonhou muito ele chegando a cavalo, levando ele e ela para um passeio na fazenda. O rio, a fonte. Tudo mentido, sem prazo. Ele veio, mas se esqueceu de tudo: a festa, a fala bonita. Só ficou de conversa miúda e agarrada com Nianá na varanda. Nianá o chama de Julho, Jú-li-o — mas era o Bom-moço. Quando Jurema foi levar café, na varanda, a mão dele estava nos cabelos de Nianá, a boca muito próxima do riso dela. Bom-moço não viu Jurema, nem o raminho de catinga-de-mulata, que ela espetou atrás da orelha, catita, dengosa. Nunca mais ele não viu Jurema. Nem ela quis mais: embrenhou-se. Só uma lágrima, depois esqueceu . . .

Jurema ri alto: «alba burgônia, etc. etc.» Não achou ainda o que seja alba, ou fôsse, mas não importa. Por entre os ramos, a nesga infinita de azul. A mimosa jurema. Que só ela percebeu, etc., etc., Quando alguém ralha com ela, ela fecha os olhos, e o bailado volta suave de perfume e flores. Ninguém entende: pensam que é má-criação dela.

De noite Jurema Benvinda reza diante do oratoriozinho. Branca marginada preta. Que coisas pede? Um príncipe trabalhador com corcel e pratos, eões e epalto. Cavalgando nuvens, drástico, turgimão.

Acácia Jurema, inatingível. A Santa escuta com atenção e uma pontazinha de malícia no olhar bondoso de gesso.